

SEDE DE PODER E GOSTO POR INTRIGAS MOVEM A PRINCESA CARLOTA. É UMA COISA DE SANGUE

Pode uma mulher pretender fazer política? Tramar, conspirar, conquistar, corromper e, acima de tudo, desejar ardorosamente o poder, da mesma maneira como fazem os homens? De modo geral, a resposta é conhecida: não. O modo geral não se aplica, porém, a algumas cabeças coroadas seduzidas pelas intrigas políticas nem, menos ainda, a duas das mulheres mais mandonas do mundo no momento: Maria Luísa, a rainha consorte da Espanha, e sua filha, Carlota Joaquina, a princesa do Brasil. Idênticas em tudo – na aparência, na personalidade forte e no desejo de manipular maridos fracos –, elas também enfrentam desafios excepcionais. Maria Luísa, a mãe, pode perder tudo: a coroa da Espanha e o poder a que sempre ambicionou, através do marido, o rei Carlos IV, ou do amante, o primeiro-ministro Manuel de Godoy. Carlota, a filha, já perdeu. Teve de acompanhar o marido, o príncipe dom João, na fuga de Portugal para o Brasil, e todas as suas conspirações contra ele até hoje fracassaram. Por causa disso, vive em estado de animosidade conjugal e de impopularidade junto a todos os círculos leais ao príncipe. Jamais, no entanto, desiste.



É difícil estabelecer quanto da má fama da princesa de 32 anos se deve a comportamentos condenáveis e qual a parcela debitada à rejeição despertada por mulheres ambiciosas. A coluna das virtudes reconhecidas praticamente se limita ao fato de que é mãe dedicada dos dois meninos, Pedro e Miguel, e das seis filhas. Os cuidados maternos são contrabalançados pelo fato de que o futuro e a quantidade de poder das consortes reais dependem do destino dos filhos. A princesa sabe o que é nascer numa família real e ser usada para fins políticos. Era uma menina de apenas 10 anos quando os pais a encaminharam para o destino quase obrigatório de tantas infantas espanholas: casar-se com um herdeiro do trono português. Antes de partir para nunca mais ver a família, fez uma apresentação pública, como uma espécie de teste de qualidade. Respondeu a perguntas sobre religião, geografia, história, gramática e línguas, e provou sua habilidade em etiqueta, dança, canto, pintura e equitação.

A Gazeta de Lisboa derramou-se em elogios: "Tudo satisfez tão completamente que não se pode expressar a admiração que deve causar uma instrução tão vasta em uma idade tão tenra". Transplantada para o seio da austera família real portuguesa enquanto aguardava a idade adequada para consumir o casamento (15 anos), Carlota se comportou, vejam só, como criança. "Ela não faz o que mandam", queixou-se muitas vezes sua ama, Anna Miquelina, em cartas a amigos em Madri. "Acorda tarde e leva horas para se vestir"; à mesa, "come com as mãos e joga comida no rosto do infante e dos criados". Dom João, oito anos mais velho, fazia o possível para contê-la, ao mesmo tempo em que se embevecia com sua vivacidade. "Ela é muito esperta e tem bastante bom senso para alguém tão criança", escreveu. "É muito desinibida, não tem vergonha alguma."

A princesa gosta de dançar e de andar a cavalo, atividade em que demonstra a incomparável fidalguia dos castelhanos. Quando contrariada, não mede as palavras (inclusive as mais impublicáveis). Não foi agraciada com beleza, como é comum na dinastia dos Bourbon, mas, mais do que exagero, há verdadeiro preconceito nos venenosos comentários feitos por madame Jean-Andoche Junot, a esnobe Laure, nos breves meses em que seu marido, antes de se tornar o conquistador de Portugal, foi embaixador da França em Lisboa. Na sua descrição, a princesa é "o mais horrível exemplo de feiura", com estatura de anã, corpo assimétrico (Carlota manca, em decorrência de um acidente de caça) e "peito inexistente"; tem "olhos injetados, pele cor de vegetal e cabelo grosso, armado, com aparência de sujo". Apreciou suas roupas e enfeites, mas ressaltou, no mesmo tom ferino: "A beleza das jóias, junto com a extrema feiura da pessoa que as usa, produz um efeito incrivelmente estranho e faz com que a princesa mal pareça um ser da nossa espécie".

Desprovida de formosura, sua força está em seu interior: Carlota tem plena convicção de que está destinada ao comando. É infanta da Espanha, princesa do Brasil, futura rainha de Portugal – e, ao pé de ouvidos aliados, garante que tem muito mais talento para administrar os assuntos de estado do que seu marido. Esse sentimento, aliás, arruinou seu casamento de maneira irreparável: príncipe e princesa vivem separados, veem-se só em ocasiões oficiais, raramente se falam e disputam palmo a palmo todo tipo de questão, de regras de etiqueta a cargos na corte. A crise conjugal precipitou-se há três anos, quando o adoentado João se recolheu no distante Palácio de Mafra, deixando Carlota em Lisboa. Má idéia. Ela logo se enredou numa conspiração de cortesãos insatisfeitos, que alegavam estar o príncipe acometido da mesma loucura da mãe e propunham afastá-lo. Quem ficaria em seu lugar? Carlota, claro.

O plano foi descoberto, o príncipe João ordenou uma investigação e Carlota entrou em 1806 como uma espécie de pária na corte. Pediu socorro ao pai, usando a carinhosa mas oficial saudação: "Papai do meu coração, da minha vida e da minha alma. Vou aos pés de Vossa Majestade na maior consternação para dizer a Vossa Majestade que o Príncipe está cada dia pior da cabeça e que em consequência está tudo perdido (...) e que é chegada a ocasião de Vossa Majestade acudir-me a mim, e a seus netos". Envolvido em seus próprios problemas, o rei da Espanha não moveu uma palha. Quando o planejamento da partida para o Brasil começou a ficar evidente, em meados do ano passado, a princesa ouviu que só o marido iria com os meninos e se desesperou. "Mamãe do meu coração, da minha vida e da minha alma, livra-me a mim de morrer, e às inocentes filhas, e também me livra de algum insulto, porque meus filhos estão por ir e ter tudo embarcado" escreveu no fim de setembro à rainha Maria Luísa. Outra vez em vão. "Minha querida filha, quisera dar-te os auxílios que em sua situação necessitam as almas, mas a distância e as relações políticas reduzem a ação de nossos desejos", esquivou-se a mãe.

Se há dúvidas sobre se Carlota realmente trai o marido no sentido conjugal do termo, sobre sua mãe, a rainha Maria Luísa, todos concordam: além de aliada política, ela é amante do odiado Manuel de Godoy (veja reportagem sobre a situação periclitante na Espanha). Mulheres fortes de reis fracos muitas vezes não têm opção a não ser se envolver em assuntos políticos.

Até Luísa, a rainha da Prússia, em tudo o oposto de sua homônima espanhola, precisou interferir em nome da salvação nacional. Com a Prússia destruída em campo de batalha por Napoleão Bonaparte, Luísa, que é linda, inteligente e adorada pelos súditos, apelou. Pôs as melhores roupas e as jóias mais reluzentes e foi até Napoleão pedir por seu país. O imperador francês trocou por elogios as críticas que lhe fazia por se meter em política e insuflar o marido indeciso (parece epidemia...). "A rainha da Prússia é uma mulher encantadora; mostrou-se bastante coquete", escreveu Napoleão, brincando que, se o marido dela, Frederico, não entrasse no salão em seguida, ele acabaria cedendo a Luísa. Não o fez claro – a Prússia hoje está menor, mais fraca e mais pobre. A Espanha pode seguir por caminho igual ou pior: as tropas francesas avançam sobre o país, os reis saíram de Madri e há rumores de revolta popular. Mal pisou no Rio de Janeiro, a princesa Carlota foi colocada a par da situação em seu país natal e seus olhos negros brilharam com a ambição de sempre. Se seus pais perderem o trono, quem sabe não existirá espaço para a filha mais velha do rei, do outro lado do oceano, assumir a regência, se não da distante Espanha, pelo menos de suas colônias aqui, tão perto.



Carlota Joaquina

"Para realizar o projeto chamado de Floridablanca pelo qual se conseguiria uma aliança duradoura entre Espanha e Portugal foi assinado um tratado no qual estabelecia dois casamentos entre infantes espanhóis e portugueses; a Espanha daria ao príncipe Dom João a princesinha Carlota; e Portugal daria ao Príncipe Dom Gabriel, filho do Rei Carlos III, Dona Mariana Vitória irmã de Dom João; na época destes acordos Dona Carlota tinha 8 anos de idade e Dona Mariana tinha 15; esses casamentos levaram dois anos para se consumarem; só ocorreram após a assinatura do "tratado" entre a Rainha Maria Vitória de Portugal e o Rei Carlos III de Espanha. Em 17 de março de 1785 o Conde de Lourical que era ministro português na corte de Madrid pediu a mão de Dona Carlota para casamento em nome de Dom João; e o Conde Fernan Nunes embaixador espanhol em Lisboa pediu a mão da infanta portuguesa Dona Mariana Vitória em nome do príncipe Dom Gabriel. Carlota teve que submeter-se aos chamados "exames públicos" para o acordo matrimonial, quando respondeu durante 4 dias, cerca de uma hora por dia a perguntas sobre religião, geografia, história, gramática, língua portuguesa, (não se esqueça que ela era espanhola) espanhol e francês; as apresentações dos dois casais aconteceram no dia 8 de maio de 1785 na cidade portuguesa de Vila Viçosa na fronteira com a Espanha. No dia seguinte, o casamento foi aceite pela Igreja através da benção dada por um cardeal.

Os festejos duraram quatro dias, durante o dia se realizavam torneios e touradas, e a noite havia reuniões musicais que na época se chamavam "serenins", bailes e representações líricas. Dentro desses festejos, durante uma das noites de núpcias, a princesa Carlota agrediu o esposo, mordeu-lhe fortemente a orelha e atirou um castiçal no rosto do marido. Depois desse episódio, foi feito um ato adicional ao contrato de casamento, permitindo que Dona Carlota pudesse ter sua primeira relação sexual com o marido aos 14 anos podendo voltar atrás caso assim ela quisesse, ou seja: se ela quisesse fazer sexo antes dos 14 anos, poderia. Um certo Padre José Agostinho de Macedo, imprimiu uns folhetos contando esse caso da noite de núpcias de forma brincalhona e sarcástica com o título "O gato que cheirou e não comeu" (...); a princesa, indignada com o escrito mandou dar uma surra de chicote nas nádegas do padre, despi-lo em praça pública e aplicar uma "seringada" de pimenta do reino no seu clérigo traseiro e depois soltá-lo nu no Bairro das Marafonas. O Padre José Agostinho foi socorrido por uma atriz cômica do Teatro da Rua dos Condes, Maria da Luz que depois veio a ser amante do vigário humilhado. O matrimônio, é claro, foi um fracasso. A vida sexual do casal só começou realmente cinco anos depois, quando Carlota menstruou pela primeira vez.

Em 1788, com a morte do herdeiro da Coroa portuguesa, o primogênito D. José, príncipe da Beira, D. João tornou-se o príncipe herdeiro. Por loucura de sua mãe, este se tornou regente de Portugal de fato em 1792, e de jure em 1798, e, por conseguinte, Carlota tornou-se princesa-regente consorte de Portugal.

Esta virada dos acontecimentos conveyo perfeitamente ao caráter ambicioso e até violento de Carlota.

Desde cedo procurou intrometer-se nos assuntos de Estado, procurando influenciar as decisões do marido, muitas das vezes não se lhes submetendo; começou a desprezá-lo, recorrendo até à chantagem, à intriga e à pressão conjugal sempre que não conseguia os seus intentos. A situação proporcionou à casa real uma verdadeira situação de anomia, que eventualmente acabou por chegar aos ouvidos do povo.

“Assim como alguns contam carneirinhos para dormir, há quem diga que Carlota contava sapatos”. Carneirinhos aparentemente são iguais, sapatos existem tantos quantos propõe o imaginário. Haja tempo para dormir! Carlota tinha, sem exagero, dezenas de pares de sapatos! Sua nobre mãe, como presente de casamento, dera-lhe um par de sapatos para cada dia do ano. O noivo Real não deixou por menos, presenteou-a com uma quantidade inesquecível de sapatos, onde se destacavam os vermelhos e os de salto alto. Homem sábio este, porque, os estudiosos do assunto juram que a cor vermelha é a cor da sedução. Mas, certamente não levou isto tão a sério, já que os mesmos estudiosos ainda nos lembram de que o vermelho é também a cor do poder e da dominação.

Carlota com seu instinto aguçado aprendeu desde menina que os sapatos de salto alto e ainda vermelho, eram muito poderosos. Como a cor possui uma intensa força de comunicação, a vaidosa Carlota preferia os vermelhos acima de qualquer outra cor e os usava - altos - impedindo que alguém esquecesse quem ela era. Como se fosse possível. Então, o vermelho da Imperatriz do Brasil evidencia sua posição, comanda atitudes, ordena aos que a rodeiam. Segundo os especialistas ainda, o vermelho também é uma cor erótica e, talvez seja a mensagem de cor mais direta que se pode enviar paixão e poder são claramente comunicados. Viajantes, surpreendiam-se com a quantidade de sapatarias existentes no Rio de Janeiro - capital do Império Português na América - repletas de trabalhadores nesta cidade onde, de cada seis habitantes, cinco andavam descalços. Mais ainda, ao observarem que as senhoras brasileiras, usavam sapatos de seda para andar em qualquer tempo nas calçadas de pedras desniveladas e mal cuidadas, esgarçando em pouco tempo o delicado tecido do calçado. Não esquecendo que naquele momento, também este tecido era tido como erótico consequentemente, os sapatos confeccionados com ele, representavam peças insinuantes. Assim, as senhoras também tinham objetos que por elas falavam. Apesar dos extremos das cores, as senhoras da Corte tinham sua munição e com ela comunicavam suas intenções, esperado serem admiradas como mulheres desejáveis, sem apelos diretos, que podiam estar sendo compreendidos como ameaçadores à sua posição de “senhora” numa sociedade patriarcal como da época, bem como de enfrentamento à Carlota.



A princesa quando menina



Retrato de Domingos Sequeira



Retrato, por Domingos Sequeira

Precedido por Maria I	 Rainha de Portugal 1816–1826	Sucedido por Leopoldina de Áustria
--	---	---



Carlos Navarro 